



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

FERNANDA BORGES DE BRITO

**O ENSINO DE HISTÓRIA EM REMOTO NO PRÉ-ENEM UFCG:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PRÁTICA NO ANO DE 2020**

CAMPINA GRANDE

2020

FERNANDA BORGES DE BRITO

**O ENSINO DE HISTÓRIA EM REMOTO NO PRÉ-ENEM UFCG:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PRÁTICA NO ANO DE 2020**

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador (a):

PROF. DR.^a DAMIANA DE MATOS COSTA FRANÇA

Campina Grande

2020



B862e Brito, Fernanda Borges de.

O ensino de História em remoto no PRÉ-ENEM UFCG: um relato de experiência sobre a prática no ano de 2020. / Fernanda Borges de Brito. - 2020.

47 f.

Orientadora: Professora Dra. Damiana de Matos Costa França.

Trabalho de Conclusão de Curso (Relato de Experiência) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Humanidades; Curso de Licenciatura em História.

1. Ensino de História - pandemia. 2. PRÉ-ENEM - UFCG. 3. Relato de experiência - ensino de História. 4. Prática docente - História. 5. Formação docente - História. 6. Ensino remoto emergencial. I. França, Damiana de Matos Costa. II Título.

CDU: 94:37(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

FERNANDA BORGES DE BRITO

**O ENSINO DE HISTÓRIA EM REMOTO NO PRÉ-ENEM UFCG: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA SOBRE A PRÁTICA NO ANO DE 2020**

Trabalho de Conclusão do Curso avaliado em __/__/__ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Damiana de Matos Costa França

Orientador (a)

Prof. Dra. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti

Examinador (a)

Prof. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento

Examinador (a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais e ao meu irmão, que me deram sustento e estrutura para que hoje eu pudesse estar concluindo esta graduação e me formando naquilo que sempre almejei. Nesse mesmo sentido, agradeço à minha Tia Selma, que me deu teto durante todos esses anos fora de casa e que teve que conviver com as minhas manias e meus jeitos.

À professora Damiana, que conheci já nesse modo de ensino remoto e em um momento turbulento e com pouco tempo para desenvolver esse trabalho, que me aceitou como sua orientanda e também acreditou no meu potencial de maneira como poucos acreditaram. Serei eternamente grata, por ser tão atenciosa e carinhosa em suas palavras e correções, com toda certeza buscarei sempre me espelhar no seu exemplo de docência.

A Rayssa, que me acompanhou a minha vida toda e, nesse momento, foi a responsável por fazer as primeiras leituras deste trabalho, agradeço por todos os toques e por todas as conversas que tivemos, nossa parceria vem do berço e sei que posso contar com você para todas as questões da minha vida, você é mais que uma prima, é minha irmã.

A Michell e a Renally, meus companheiros de curso e que estiveram sempre comigo, seja nas atividades da universidade ou no PET onde trabalhamos juntos, mas para além disso, por todos os nossos momentos, as nossas conversas, as nossas risadas pelos corredores da UFCG e, principalmente, pelos momentos de cuidado e apoio durante a jornada que trilhamos no curso de História.

Ao projeto que participei no curso, o PET-História, na pessoa do Tutor Luciano Queiroz, que me fez enxergar o curso de uma outra maneira e fez com que eu tivesse experiências ímpares durante a minha vivência acadêmica, agradeço pela oportunidade de estar sempre em contato com o ensino básico e, principalmente, com as camadas mais vulneráveis da nossa comunidade. Sou extremamente grata a todas as gerações de petianos que passei e com as quais tive oportunidade de aprender.

Ao meu bom amigo Jhon, que o PET-História me apresentou e com quem eu não sabia que teria uma ligação tão simples, mas de um carinho tão forte, obrigada pelas leituras e indicações relativas aos meus trabalhos e, além disso, pelo cuidado tão especial que tem por mim, não esqueça, és meu ídolo.

A todos os professores com os quais tive oportunidade de trabalhar nas disciplinas do curso, tendo em vista que cada um, à sua maneira, ajudou para a formação da professora de

história que hoje estou me tornando, em especial ao professor Luciano Mendonça, que me auxiliou nos trabalhos de pesquisa e foi sempre muito acessível e atencioso comigo.

Aos meus colegas de turma 2016.1, que foram essenciais no meu desenvolvimento e para que minhas manhãs fossem mais divertidas e produtivas, fui muito feliz em ter todos vocês durante esses quatro anos e meio, em especial agradeço a Éverton, Karol, Raí, Lucas, Jeferson, Raquel e Tarcísio.

Agradeço a Rosa, que foi minha companheira na maior parte desse tempo e com quem eu pude compartilhar meus dias, tendo-a ao meu lado nos momentos mais importantes e felizes que tive nesse período, não só no curso, mas na vida, sendo a pessoa com quem pude dividir todas as minhas angústias e dúvidas, tristezas e medos, quem sempre esteve ao meu lado, me incentivando e com quem pude ter os melhores risos, afagos e conversas. Não há como colocar no papel tudo o que vivemos, mas com toda certeza estes momentos estão eternizados na minha alma. Agradeço por você existir e por eu ter tido a oportunidade de te conhecer dentro deste curso.

Por fim, agradeço à minha família como um todo, vó, tios, tias, primos e primas. E agradeço, ainda, aos trabalhadores, que mesmo sem saber, financiaram a minha formação na Universidade Pública e para os quais pretendo servir ao longo da minha carreira, defendendo seus direitos e suas necessidades, na minha forma de agir e de trabalhar como professora.

RESUMO

Este trabalho se propõe a relatar, através da minha visão como graduanda, a experiência de Prática de Ensino que ocorreu na Licenciatura em História, no semestre suplementar 2020.3 na Universidade Federal de Campina Grande. Apresento o processo de adaptação ao ambiente virtual de ensino da instituição, ao assumir a responsabilidade de realizar as atividades do “Curso de Extensão Pré Enem”, aberto pela unidade acadêmica de História como um aporte para os estudantes matriculados na Prática de Ensino em História e também para a comunidade, através do oferecimento da oportunidade de ensino voltado para o Enem de maneira gratuita e *online*. Neste sentido, esse relato apresenta uma experiência singular de contribuição para a formação de professora de história, reflexões sobre o Ensino Remoto Emergencial e a forma como este deve ser compreendido no ensino básico. Para tanto, houve a utilização da pesquisa bibliográfica, ~~e da abordagem qualitativa~~ que busca compreender o significado individual ou coletivo de um determinado fenômeno e das teses de autores como Paulo Freire (2002), Dea-Ribeiro Fenelon (2008) e Neusi Aparecida Navas Berbel (2011). A partir da abordagem qualitativa, o relato possibilitou a compreensão de como utilizar o Ensino Remoto Emergencial, quais as formas de ensinar história por via *online* e entender as possibilidades e dificuldades desse modo de ensino.

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial; Ensino de História; Relato de Experiência.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cartaz Pré Enem	33
Figura 2 - Registros da primeira aula online	37
Figura 3 - Registros da primeira aula online	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem
- CETIC – Centro Regional e Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
- CH – Centro de Humanidades
- CNE – Conselho Nacional de Educação
- EaD – Ensino a Distância
- Enem – Exame Nacional do Ensino Médio
- ERE – Ensino Remoto Emergencial
- IEA – Instituto de Estudos Avançados
- IES – Instituições de Ensino Superior
- LDB – Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional
- MST – Movimento Sem Terra
- PET – Programa de Educação Tutorial
- PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
- PVS – Pré Vestibular Solidário
- RAE – Regime Acadêmico Extraordinário
- Sisu – Sistema de Seleção Unificada
- TIC – Tecnologia de Informação e Comunicações
- TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
- UAHis – Unidade Acadêmica de História
- UEPB – Universidade Estadual da Paraíba
- UFMG – Universidade Federal de Campina Grande
- USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	DAS HISTÓRIAS DE MINHA PEQUENA VIDA.....	13
2.1	Do João XXIII a Gurjão.....	13
2.2	A escola seria minha casa.....	14
2.3	Das diferentes escolas, vivências e aprendizados	15
3	O SONHO DE SER PROFESSORA.....	17
4	UMA PRÁTICA DIFERENCIADA: NOVAS POSSIBILIDADES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	23
4.1	O que seria presencial precisou se tornar online	23
4.2	Ensino a distância (EaD) e o Ensino Remoto Emergencial (ERE) são sinônimos?	24
4.3	O Cursinho Pré Enem	30
4.4	Relato da Experiencia: A experiência vivenciada na pratica de ensino	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2020 apresentou uma singularidade, a qual remete-se à pandemia de COVID-19. Trata-se de uma situação atípica, que traz consigo uma série de transformações, afetando, inclusive, as formas de ensino, uma vez que estas tiveram que se adaptar ao Ensino Remoto Emergencial (ERE), que foi recebido pelos profissionais da educação e pelas instituições de ensino sem uma preparação suficiente. Logo, enquanto uma novidade emergencial, desencadeia uma série de desafios. Dentre os quais, se incluem os estágios dos cursos de licenciatura que são desenvolvidos geralmente de forma presencial, mas precisaram se adaptar à situação de isolamento social. Sendo assim, este trabalho tem por eixo principal realizar uma reflexão de como ocorreu a Prática de Ensino do curso de Licenciatura em História, por meio do sistema de Ensino Remoto Emergencial (ERE), que ocorreu no período suplementar 2020.3 na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), com o principal intuito de auxiliar os alunos que estavam em fins de concluir sua graduação, mas que não poderiam realizar o estágio obrigatório nas escolas de ensino básico.

Dessa maneira, fazendo parte deste corpo discente e matriculada na Prática de Ensino de História na Escola de 1º e 2º Graus, me insiro em uma parcela de estudantes que precisaram refletir sobre a possibilidade da realização da prática de ensino. Tais ponderações oportunizaram concluir que o ERE pode ser um diferencial e gerar novas experiências e formas de enxergar o ensino, principalmente de história, assim como possibilitaram a construção deste texto, que se configura como um relato de experiência. Este tem por objetivo principal refletir sobre como a prática de ensino de maneira virtual/remoto ocorreu e como eu, perante essa parte da minha formação, me coloquei diante da aula *online*, a partir do ambiente virtual proporcionado pelo estágio supervisionado do ensino de História da UFCG. Com isso, buscarei apreender de que forma o meu trabalho, dentro do Pré Enem, possibilitou um conhecimento mais aprofundado sobre as potencialidades do ensino virtual e os limites impostos por um Ensino Remoto Emergencial.

Para além disso, é importante frisar o quanto é indispensável compartilhar as experiências vivenciadas nesse período de prática de ensino, para que possam ser conhecidas e utilizadas por outros estagiários que, cômoda mesma forma que eu, terão seus estágios de forma virtual, podendo tirar deste relato ensinamentos relacionados às práticas que proporcionam melhores formas de lidar com esse modelo de aula, como também, compreender formas que podem não funcionar dentro do contexto *online*. Uma vez que,

Foi necessário dar respostas às especificidades do planejamento de ensino-aprendizagem remoto, facilitar o desenvolvimento de competências digitais, contribuir com o domínio de ferramentas e recursos tecnológicos educacionais, viabilizar novas formas de avaliação, de mediação e facilitação da aprendizagem em ambiente digital e apoiar a reorganização das aulas práticas e de laboratório. (AMARAL; POLYDORO, 2020, p. 54).

Precisamos ter em vista que, enquanto professores, devemos compartilhar nossas experiências a respeito das maneiras de ensinar para que os educadores dos mais variados níveis possam ter acesso a essas novas formas de ensinar e-aprender, e para além disso, é uma forma de refletir sobre esse novo momento em que as escolas fecharam e que muitos professores tiveram que se adaptar a um modo de ensino ao qual não tinham se planejado, pois,

Mesmo o docente sentindo-se à vontade com o conteúdo a ser abordado (objeto de estudo e experiência dos seus longos anos de atividade profissional), na maioria das vezes ele desconhece as peculiaridades e especificidades da atuação na docência online, principalmente se estamos pensando numa perspectiva que considere a rede como elemento de fortalecimento dos processos de produção de culturas e de conhecimentos e não como mera distribuidora de informações. (COSTA, 2016, p. 61).

Nesse sentido, os profissionais da educação tiveram que se adaptar a uma situação de atuação por meios digitais, seja no planejamento ou na atuação, com um auxílio insuficiente neste processo, tendo em vista que o ensino *online* passou a ser, na maioria dos casos, uma

[...] transposição de práticas da educação presencial para um ensino remoto, longe, por isso, de uma modalidade de educação a distância e tendo como principal objetivo minimizar os prejuízos decorridos da suspensão das aulas presenciais. Na maioria dos casos, os mesmos exercícios realizados de forma presencial foram replicados para o online, mimetizando modelos e práticas pedagógicas para ambientes educativos onde a presença e a forma de comunicar são diferentes, o feedback e o apoio são também realizados de outra forma, os tempos de concentração e empenho nas atividades também, assim como a autonomia dos alunos. (DIAS-TRINDADE; CORREIA; HENRIQUES, 2020, p. 5-6).

Com isso, torna-se necessário desenvolver trabalhos que versem sobre a necessidade de estudar e lidar com esse problema social, tentando continuar com os níveis de ensino e de aprendizados de maneira satisfatória, sem que haja prejuízo para os alunos. Para tanto, considero essencial refletir sobre o sistema ERE a partir da minha experiência enquanto integrante deste processo. Já que a experiência, aqui apresentada, relaciona-se ao estágio do curso de História da UFCG, o qual ocorreu de maneira remota por meio da solução encontrada pela coordenação, que foi o “Curso de extensão Pré Enem Ciências Humanas”, desenvolvido no intuito de atender às necessidades da comunidade que não possuía condições de ter um cursinho pré-vestibular e/ou que estavam sem aulas em suas escolas.

A escolha por essa temática teve origem em várias discussões que tive com amigos sobre os desafios apresentados pelo Ensino Remoto, entendendo-o enquanto um método novo e emergencial que aguçou minha curiosidade e proporcionou a realização do meu trabalho de conclusão de curso, aqui constituído enquanto um relato de experiência da prática de ensino remoto, onde busco demonstrar como consegui me adaptar a este sistema de trabalho e ensino, tendo por base as pesquisas empreendidas e a compreensão das metodologias que facilitaram o trabalho *online*. Trata-se de um estágio realizado a partir das normas e diretrizes que foram estabelecidas para realização das aulas de modo remoto e das ideias de uma educação libertadora e da construção de conhecimento através da troca entre aluno e professor, como é colocada por Paulo Freire.

Este é um estudo descritivo, qualitativo, do tipo relato de experiência. O estudo surgiu da iniciativa de compreender como se deu o trabalho na prática de ensino por meios remotos, mas, para além disso, de também me compreender enquanto professora de história e de como se deu a minha formação. Este trabalho se utiliza da pesquisa bibliográfica, em artigos e textos voltados para a temática aqui debatida no intuito de compreender os conceitos básicos, os materiais semelhantes e que poderiam contribuir para esse texto e também motivos advindos do mundo real que mostrem a necessidade de se realizar esse trabalho.

Utilizei também da abordagem qualitativa, pensando-a enquanto “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental” (MOREIRA, 2002, p. 52 apud OLIVEIRA, 2008, p. 16). Tendo como principal propósito contribuir para com a compreensão dos fenômenos que ocorrem ao retratar o dia-a-dia da experiência, oferecendo, assim, uma ferramenta para se relacionar teoria e prática na educação. Mas para além disso, utilizei também a autobiografia, tendo em vista que ao arquivar a nossa vida:

[...] não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas.[...] Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência. (ARTIERCS, 1998, p. 11).

Nesse sentido, ao realizar esse relato, eu me construí e reconstruí através das minhas experiências e da rememoração destas, compreendendo a autobiografia como um relato que pretende expor as ações passadas pelo ponto de vista do autor, como é colocado por Hüttenberger (apud ALBERTI, 2005), esse material pode desencadear novas ações, baseadas

nas situações relatadas. Utilizo o Relato de Experiência como uma metodologia de construção de conhecimento científico, abdicando da pretensão de um discurso unificado e total, compreendendo que esse discurso é afetado por fatores exteriores, que podem ser conscientes e inconscientes, de quem escreve e busca realizar sua contribuição social (DALTRO; FARIA, 2019).

O referencial teórico foi tomado a partir dos artigos de Eliana Amaral e Soely Polydoro (2020), que trataram sobre os desafios encontrados na Unicamp na mudança para o Ensino Remoto Emergencial; de Geilsa Valente, Érica de Moraes, Maritza Sanchez, Deise de Souza e Marina Pacheco (2020), que refletiram sobre as exigências que o contexto de pandemia para a prática docente; de Sara Dias-Trindade, Joana Duarte Correia e Susana Henriques (2020), que produziram o trabalho voltado para O Ensino Remoto Emergencial, dentro da Educação básica; de Raquel Mignoni de Oliveira, Ygor Corrêa e Andréia Morés (2020), que buscaram refletir sobre a formação docente relativa às tecnologias digitais; e de Ester Maria de Figueiredo Souza e Lúcia Gracia Ferreira (2020), que trataram especificamente do Estágio supervisionado por meios Remotos. Tais estudos, realizados já durante esse ano, trataram de suas experiências diante desse novo modo de ensinar e de como o EaD se distancia e se aproxima do ERE.

Assim, as práticas educativas estão de acordo com o lugar em que as aulas estão acontecendo, para que se consiga ter uma boa receptividade, sendo que quanto mais produções que exponham os sentimentos e as ações dentro do Ensino Remoto, mais professores e professoras serão auxiliados. Além disso, compreendemos a educação de acordo com ideias postas por Paulo Freire no livro “Pedagogia da Autonomia” (2002), buscando, assim, realizar em nossas aulas, mesmo que de forma remota, uma educação libertadora, sendo esta a linha metodológica deste estudo e também da forma de trabalhar dentro do cursinho Pré Enem.

Logo, a organização deste trabalho perpassa, no primeiro capítulo, a minha trajetória relativa à minha formação pessoal e à formação educacional básica, onde trago questões pessoais e educacionais que traduzem os sentimentos que fizeram com que eu desenvolvesse o carinho e a vontade de ser professora. Já no segundo capítulo, serão abordadas as questões relativas à minha decisão de me tornar professora, ou seja, à minha trajetória acadêmica, retratando as experiências vividas dentro da universidade, as expectativas e os aprendizados a mim proporcionados. Por fim, no terceiro e último capítulo, tratarei especificamente da questão relativa ao Ensino Remoto Emergencial, descrevendo minha experiência de ensino e aprendizagem na disciplina de Prática de Ensino de História, nessa forma de ensino adotada em um momento de calamidade social.

2 DAS HISTÓRIAS DE MINHA PEQUENA VIDA

2.1 Do João XXIII a Gurjão

É sempre difícil começar, quando temos que falar de nós, pois existem sentimentos e percepções que estão dentro de nós que vão muito além do que pensamos em falar, é um processo difícil e de grande autoavaliação. Tenho feito isso nos últimos dias e percebo que cada passo dado para adentrar as minhas memórias é dolorido, é um processo que exige esforço. Fernanda nasceu no dia 19 de fevereiro de 1999 em Campina Grande no hospital João XXIII, logo após uma limpeza geral, sendo assim a única recém-nascida no local, logo foi encaminhada para os berços térmicos. Minha tia Selma, desavisada, por não conhecer e me ver sozinha naquele local, logo pensou “*meu deus a bichinha nasceu desnutrida, vai morrer, isso que dá ter menino velha demais*”, e olha que minha mãe nem tinha essa idade toda, mas apenas 34 anos.

Depois de contar sobre esse ultimato dado por minha tia, preciso dizer que era uma bebê saudável, nasci pequena, com apenas 2,400 kg e minha mãe não conseguiu me amamentar, mas não passei por nenhum problema de saúde, comia e dormia como todo recém-nascido. Dizem que chorar não era algo que fazia com frequência, mas acho que isso é efeito de comparação, já que meu irmão era bem agoniado e chato no mesmo período da vida e, veja que ironia, minha mãe teve ele mais jovem: é tia Selma, a idade não é culpada por tudo.

Estamos aqui para falar de Fernanda, que teve esse nome escolhido por sua mãe, ela diz que escolheu por achá-lo bonito, nada de muito especial está por trás dessa escolha, havia apenas um acordo: como meu pai escolheu o nome do primeiro filho, ela escolheria o do segundo. Sou a primeira neta dos meus avós por parte de pai e a mais nova dos meus avós por parte de mãe, detalhes que nem sempre são sentidos, mas que é interessante de se observar, há posições diferentes na hierarquia familiar.

Entretanto, falar de Fernanda é uma tarefa complicada, poucas pessoas sabem sobre ela a fundo, se pedir a algum parente distante para descrever quem era ela na infância provavelmente a descrição seria assim: uma garotinha dos cabelos cacheados que era, na maior parte do tempo, quieta, obediente, cara de poucos amigos e abusada. Mas há outras faces dessa Fernanda, que apenas aqueles que convivem conseguem ver, cheia de “presepe”, muito carinhosa, amável, cuidadosa, que consegue sentir a dor do outro, mas que as vezes ri na hora

errada e que não sabe se comportar em determinados contextos sociais, leia-se ambientes muito elaborados.

Na verdade, Fernanda é séria e extremamente comprometida com as pessoas que ama, colocando por vezes estas na frente de si. O fato de enxergar felicidade no outro faz com que ela se sinta feliz, talvez uma de suas maiores qualidades seja a empatia, mas esse texto está sendo escrito por alguém um pouco “suspeita”, logo é melhor que cada um que a conheça faça essa avaliação sozinho.

2.2 A escola seria minha casa

Depois de expor alguns detalhes do início da vida e de uma visão mais pessoal de quem sou, vamos apresentar a Fernanda da forma mais tradicional. Ela é filha de Walquíria Borges Ramos de Brito, professora de história da rede pública estadual da Paraíba, que trabalhou na área por mais de 29 anos, e José Flávio Oliveira de Brito, um agricultor, que preferiu cuidar de suas vaquinhas a terminar o curso de Matemática. Ambos fazem parte de famílias tradicionais da cidade em que nasceram, minha mãe em Gurjão e meu pai em São João do Cariri, mesmo que no período em que chegaram ao mundo, lá na década de 1960, uma fizesse parte da outra.

Ambos passaram sua infância no meio rural, minha mãe com mais 10 irmãos e meu pai com mais 3, a situação financeira das famílias era um pouco diferente. A família do meu pai conseguia ter mais recursos modernos do que a da minha mãe, talvez pela quantidade um pouco menor de pessoas para sustentar. Sempre que contam histórias de suas infâncias, há trechos em que percebemos essa diferença, meu pai, por exemplo, teve acesso à eletricidade e à TV muito antes que minha mãe.

Mas é verdade que a infância deles se passou em meio ao mato, brincando e trabalhando para ajudar no sítio, seja cuidando dos animais ou realizando plantações dos mantimentos para alimentar toda a família. Meus avôs percebiam que a educação era importante para eles e, mesmo na dificuldade, isso não faltou, concluíram os dois o Ensino Médio, e minha mãe conta que enxergava nas professoras a chance de ter sua independência. Nas palavras dela, “*eu queria meu contracheque*”, mas além disso, ela queria passar no vestibular que, na época, era a Universidade Federal da Paraíba, campus Campina Grande, porque lá não havia o pagamento de mensalidade e meu avô já tinha duas filhas na UEPB, que tinha esse pagamento na época.

Então, ela pegou as apostilas de primas e estudou sozinha em casa e conseguiu passar, veio para Campina Grande, morar na casa de uma Tia. Morava de favor, ia para a universidade

a pé e, por vezes, se apertava para tirar as xerox. Conseguiu emprego em Gurjão e começou a dar aulas ainda com 18 anos. Deu aulas sem receber durante um tempo, mas conseguiu se formar e, logo depois, passou no concurso do Estado da Paraíba e conseguiu o tão sonhado contracheque concursado, e é desse dinheiro que até hoje ela me dá suporte.

É interessante, porque nossa história é um pouco parecida em acontecimentos, mas na minha vida eu a tenho como exemplo, na dela ela não tinha essa pessoa tão próxima para se espelhar, eu saí de Gurjão aos 13 anos para morar com uma tia de favor em Campina Grande e estudar, mas já era em uma escola particular e para terminar o ensino médio, busquei passar na universidade pública que sem dúvida é a de maior qualidade no Brasil. Mas, além disso, busquei o objetivo de ser professora, como ela, com perspectivas de história diferente, ela metódica, um ensino mais positivista, e eu hoje voltada a reflexão e construção do conhecimento com a parceria do aluno, mas isso está bem mais ligado a formação e o contexto histórico em que essa se deu, tendo em vista que ela se formou no início da década de 1990.

Mas, para além da minha mãe professora, eu tive uma família de professores, todas as minhas tias atuavam nessa área, então, desde muito pequena quando elas estavam sentadas ao redor da mesa, após chegar da escola ou antes de sair para ela, todos os dias eu ouvia histórias da escola, podia ser sobre os alunos, sobre as turmas, sobre conflitos e acertos com a direção, mas esse assunto sempre estava ali. Minha mãe algumas vezes, por não ter com quem me deixar, me levava para escola com ela, consigo lembrar de forma vívida do sabor da merenda que comia na sala dos professores, enquanto eles conversavam sobre turmas “danadas”, esse ambiente é quase que de natureza familiar para mim e muito provavelmente esse é o motivo pelo qual eu me sinto tão bem ao ir a escolas.

2.3 Das diferentes escolas, vivências e aprendizados

Eu já falei tantas coisas que acabei deixando algo importante de lado. Eu nasci em Campina Grande, mas de campinense tenho pouca coisa, cresci na cidade de Gurjão, cariri paraibano, cidade da minha mãe e que acolheu meu pai. Devido a isso, minha educação inicial foi totalmente construída ali. O meu Ensino Infantil foi na Escola Estadual Raulino Maracajá, onde sempre fui uma aluna aplicada, que fazia todas as atividades. Quando mais velha no Ensino Fundamental I, na mesma escola, tirava boas notas em todas as disciplinas, entretanto, sempre fui muito quieta e costumava ficar no intervalo sentada conversando com a professora ou no banquinho de cimento, onde o vigia costumava ficar de pé observando as crianças. Com

isso, acabava tendo poucos coleguinhas na escola, mas também não tinha desavenças com nenhum. Dessa forma, nunca foi preciso chamarem meus pais na escola, por questões relacionadas à desobediência ou algo semelhante, na realidade, meus pais nunca precisaram se preocupar em ir a reuniões dos pais, nem nada do tipo devido à minha conduta.

No Ensino Fundamental II fui para outro colégio, Escola Estadual Juarez Maracajá, lugar que minha mãe e minhas tias trabalhavam, foi lá que estudei do 6º ano ao 8º ano, lá comecei a ter muita dificuldade com o inglês, não conseguia encontrar as palavras no dicionário e acabava não conseguindo fazer as atividades. Depois de ir a oftalmologista, entendemos que, na verdade, o meu problema era de visão e, por isso, eu escrevia palavras que não existiam na língua inglesa, eram mais de 5 graus de miopia e astigmatismo. As coisas começaram a fazer sentido... O comportamento na escola continuava igual, sempre tirava as melhores notas, mas é bom salientar que nunca fui de estudar muito em casa, estudava apenas em dias de prova. No 9º ano, tivemos que mudar da escola, porque agora a Escola Estadual Raulino Maracajá era a que atenderia do 6º ao 9º ano, mas a mudança não foi fácil, a escola era pequena e também possuía uma equipe pequena, os alunos não conseguiram se adaptar bem ao ambiente, aconteciam muitas brigas e confusões, era banheiro que quebravam, portas com pilhas de cadeira na entrada, entre outras peripécias.

Diante disso, eu que sempre tive o perfil de ser muito quieta e estudiosa, pedi a meus pais para trocar de escola e nisso fui estudar na Escola Municipal Áurea Correia de Queiroz, lá tive um bom 9º ano e comecei a me encantar ainda mais por história. O professor Thiago tinha uma ótima didática e encantava assistir suas aulas, posteriormente voltei ao Colégio Juarez Maracajá, agora no Ensino Médio, pra começar o 1º ano. O Governo do Estado da Paraíba tinha começado a implantar em suas escolas o regime integral através do Programa do Ensino Médio Inovador¹, que não funcionou na minha cidade, a escola não possuía condições físicas de manter os alunos o dia todo de forma confortável e, principalmente, produtiva, havia também problemas com a frequência dos professores, fazendo com que nós ficássemos várias vezes esperando aulas no pátio sob sol forte.

¹ O Programa Ensino Médio Inovador é uma ação do Ministério da Educação para a elaboração do redesenho curricular nas escolas de Ensino Médio e contribui para disseminar a cultura para o desenvolvimento de um currículo mais dinâmico e flexível, que contemple os conhecimentos das diferentes áreas numa perspectiva interdisciplinar e articulada à realidade dos estudantes, suas necessidades, expectativas e projetos de vida. Neste sentido, esta ação tem relação direta com a estratégia 3.1 da meta 3 do PNE, que propõe a renovação curricular do ensino médio por meio da organização flexível e diversificada dos currículos.

Não foi um ano produtivo e, por isso, meus pais me propuseram morar em Campina Grande e estudar na cidade em uma escola particular, mais especificamente no Colégio Alfredo Dantas. Eu topei o desafio e tive um dos maiores choques de realidade da minha vida. Em comparação com as escolas que eu já tinha ido, lá era tudo muito grande, havia muita gente e eu não conhecia ninguém, era assustador. Perdi muito peso nesse período, por não conseguir reagir àquela mudança brusca de vivência, havia dias que não comia direito, outras vezes até comia, mas a comida não ficava por muito tempo na barriga. Os primeiros seis meses foram horríveis, tanto na adaptação pessoal quanto como aluna, passei a ter notas ruins por não conseguir acompanhar a turma e, além disso, eu não conseguia me enturmar, por mais que meus colegas fossem muito receptivos, eu tinha dificuldades para ser eu mesma.

Ao longo do ano, fui me adaptando e fazendo amigos, desse período posso destacar a professora Rachel e o professor Felício, como as pessoas que me acolheram muito bem, eram ótimos professores e muito humanos e empáticos comigo, os meus colegas da época também foram sempre muito cuidadosos, Antônio, Roris, Brenda, Allan, Kamylla, João, Bruna e Sásky, me salvaram de algumas encenças que me meti sem nem saber o porquê, mas, para além disso, sempre estiveram ali para me dar uma força quando precisei.

O 3º ano do Ensino Médio foi mais fácil em termos de convivência, mas a pressão era bem maior, tínhamos aulas de segunda a sábado, semana de simulados e simulados aos fins de semana, as notas já não eram o grande problema, mas tive que ficar mais em Campina Grande e, às vezes, o pior era não poder ir em Gurjão ver minha família e meus amigos, pois, por mais que tivesse conseguido fazer colegas na escola, não conseguia ter o nível de intimidade de uma amizade verdadeira, de sair para me divertir ou coisas afins.

Contudo, veio o ENEM, tirei uma nota boa e consegui passar no curso que eu gostaria, fazer Licenciatura em História, mas aí ficou complicado, meus pais não queriam, mais especificamente meu pai, que chegou a falar que *“não havia investido tanto em mim para que eu fosse mais uma professora, que precisava sair disso”*. Mas eu segurei a barra e escolhi o que eu tinha certeza que queria fazer, até porque como minha professora Rachel falava *“quem vai trabalhar todos os dias é você, se é isso que você quer faça, até hoje eu não morri de fome por ter escolhido ser professora”*, talvez, não com as mesmas palavras, mas em nossas conversas ela sempre me apoiou nesse desejo, talvez por isso, tenho a ela tanta gratidão. Sobre a universidade, conversaremos no próximo capítulo.

3 O SONHO DE SER PROFESSORA

Por que História? É uma questão interessante, o primeiro contato, sem dúvidas, foi com o material de trabalho da minha mãe, sempre corrigindo e preparando aulas, os livros sempre estiveram abertos sobre as mesas e o birô em que ela trabalhava. Por vezes, eu ficava ao seu lado, rabiscando um desenho que deveria ser de uma fazenda ou cachoeira, minhas maiores obras de arte. Certamente, o exemplo dela é enorme. Posteriormente, tive contato com outros professores, como Thiago ainda em Gurjão e Pereira, Glayds e Eriberto em Campina Grande, professores com diferentes formas de abordagem, mas que passavam em suas aulas uma concepção de história que não enxergava o passado pelo passado, mas sempre relacionando-o ao presente, a questões relacionadas ao que estavam acontecendo no mundo, pois, “uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente.” (CERTEAU, 2000, p. 34).

Minha trajetória acadêmica começa com várias incertezas e um conflito de ideias na minha casa, ao saber da notícia de que havia passado no curso de Licenciatura em História, não consegui comemorar. Em algumas noites anteriores à notícia, em conversas no horário do jantar, meu pai tentou me fazer entender que aquele não era o caminho desejado por ele, mas aquilo era, de fato, importante pra mim. Entretanto, continuei na minha escolha, mantive a opção no Site no SISU – Sistema de Seleção Unificada, 1ª opção Licenciatura em História na “universidade da minha mãe” e 2ª opção Licenciatura em História na Universidade Estadual da Paraíba, lugar onde ela fez sua especialização. Lembrava das palavras da minha professora Rachel, e alguns dias depois, recebi a notícia, mas não consegui comemorar.

E essa situação me marca bastante, eu queria dar orgulho para o meu pai e é bem verdade que demorei bastante para entender que isso, em grande medida, não era uma obrigação minha, talvez, eu tenha entendido isso só agora, o que é bom porque é sinal de que entendi. No meu primeiro dia de aula, minha Tia Anunciada, professora e defensora da educação, mas além disso, uma eterna estudante, me trouxe de Gurjão para Campina Grande e me deixou na universidade, antes de seguir para fazer o que ela precisava realizar, naqueles que seriam seus últimos dias no mundo material.

Sua morte foi muito forte apesar de não termos tanta convivência, ela, sem dúvida, é um exemplo de amor à profissão e lembro de refletir bastante sobre quando estava em casa no momento em que ela era velada e eu não podia fazer minha despedida, por não poder estar presente. Eu refletia sobre tudo o que ela fez para a educação da cidade dela e do quanto ela foi importante para a alfabetização de tanta gente, sempre buscando estudar e se renovar, pois como Paulo Freire coloca:

Enquanto preparação do sujeito para aprender, estudar é, em primeiro lugar, um que-fazer crítico, criador, recriador, não importa que eu nele me engaje através da leitura de um texto que trata ou discute um certo conteúdo que me foi proposto pela *escola* ou se o realizo partindo de uma reflexão crítica sobre um certo acontecimento social ou natural e que, como necessidade da própria reflexão, me conduz à leitura de textos que minha curiosidade e minha experiência intelectual me sugerem ou que me são sugeridos por outros. (FREIRE, 2001, p. 260).

Essa busca por conhecimento nunca lhe faltou e, por isso, também sempre tive e tenho grande admiração pelo trabalho que fazia que, para além do seu ganha pão, era algo que amava. Eu queria aprender e eu queria ser uma boa professora, busquei no curso isso, entretanto, o curso não me correspondia nesse sentido, é complicado, porque sempre havia professores falando de pesquisa, de produzir artigos, de participar de congressos, de ir pensando no tema do seu TCC e para mim, naquele momento, isso não fazia sentido, eu queria aprender a dar uma boa aula e qual seria o significado de dar uma boa aula para mim? Eu queria saber cativar meus alunos, trazer eles para a aula, fazer com que o assunto chamasse as suas atenções, aprender a dar uma aula mais dinâmica, sair da ideia de questionários com respostas prontas, criar junto a eles perguntas e elaborar as respostas.

Fui em muitos momentos cativada por esse modo de ver as diferentes disciplinas, principalmente nos dois últimos anos do Ensino Médio e aquilo me encantava. Passei a ver meus professores como muitas pessoas enxergam cantores ou atores, esse sentimento de admiração me inspirou a querer ser como eles, a querer aprender a fazer esse tipo de aula e de ter essa forma de convivência com os alunos, mas eu não conseguia me encontrar no curso, ele não parecia me dar essa resposta.

A verdade é que jovem e recém chegada no curso, eu talvez não conseguisse ainda entender direito que a pesquisa e o ensino caminham juntos e as universidades brasileiras possuem como seu eixo fundamental a indissociabilidade do tripé ensino, pesquisa e extensão, garantida pela Constituição de 1988 (MOITA; ANDRADE, 2009). Entretanto, ao que tange à UFCG no campus de Campina Grande, temos que o currículo do curso de Licenciatura em História na UFCG funcionava e ainda funciona com disciplinas pouco voltadas para o ensino, apesar de hoje já termos um novo currículo aprovado depois de muitos conflitos no departamento, apenas uma turma está nele. A questão é: o curso de história passa a ter carências relativas a essa “forma de ensinar”, que é plural e pode seguir diferentes metodologias, mas conhecê-las e praticá-las é de extrema necessidade para alunos que serão no futuro professores.

Dessa maneira, com o currículo voltado, em grande medida, para a pesquisa, tive essa dificuldade em adaptar o pensamento, talvez uma dificuldade também fruto de imaturidade,

tendo em vista que ao longo dos anos e das experiências que vivi, comecei a compreender melhor todo esse processo. Entretanto, o pensar como pesquisadora nunca foi meu forte, a preocupação em conseguir passar o conteúdo bem sempre prevaleceu na minha cabeça e a minha dificuldade em falar sempre fez com que eu me questionasse se eu conseguiria fazer bem o papel de professora.

São questões de alguém que tinha começado o curso e não compreendia muito bem como a universidade funcionava, com o passar do tempo conheci os programas de extensão, mais especificamente o Programa de Iniciação à Docência, o PIBID, que leva alunos dos cursos de Licenciatura para as escolas da cidade, com o intuito de realizar a valorização do magistério e aprimorar o processo de formação de professores para a educação básica, o que faz com que sejam gerados frutos tanto para as escolas como também para os alunos da graduação e o Programa de Educação Tutorial de História, o PET – História, que une em seu trabalho a pesquisa, o ensino e a extensão de forma mais ampla, realizando trabalhos em diferentes frentes.

Minha primeira opção era tentar participar do PIBID, pois como já comentei, minha vontade sempre foi a de aprender a ser professora, entretanto, não abriam-se seleções para o curso de história e o PET-História costumava abrir seleções mais constantemente. Com isso, influenciada pelo meu amigo Michell que havia feito a seleção no final de 2016 e trabalhava no programa há alguns meses, tentei a seleção em junho de 2017 e passei em segundo lugar, já com bolsa, pois o primeiro lugar desistiu da vaga.

O que me animou a tentar essa vaga foram os trabalhos de extensão que o PET realizava. Nesse período, estavam se iniciando as extensões no Assentamento do MST Oziel Pereira em Remígio, no Quilombo do Grilo na cidade de Riachão do Bacamarte e em duas escolas periféricas em Campina Grande, a Escola Estadual Dom Luiz Gonzaga Fernandes no bairro das Malvinas e Escola Estadual Major Veneziano Vital do Rego no bairro Acácio Figueiredo. Logo, quando entrei, acompanhei as aulas dos petianos nas escolas de Campina Grande e assumi as aulas na Escola Municipal Manoel Joaquim de Araújo que atendia à comunidade Quilombola, dei aulas a quatro turmas, dos 6º ao 9º ano. Experiência complexa e um pouco rápida, pois, acabei não tendo tanto tempo para me preparar, mas foi onde tive o primeiro contato com a profissão. A primeira aula foi um pouco confusa e com muito nervosismo, entretanto, a partir da segunda as coisas começaram a caminhar bem e consegui ter o gostinho de que era, de fato, aquilo ali que eu gostaria de fazer.

No ano de 2018 e 2019, dei aulas na Escola Dom Luiz Gonzaga Fernandes, agora mais focado no Enem. No primeiro ano, tivemos a oportunidade de escrever um módulo didático,

em que construímos, cada petiano, um capítulo voltado para a temática da sua aula, desenvolvendo, assim, outros aspectos importantes para a formação de um professor, unindo os três eixos da Universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão. Mas além disso, passar por essas diferentes escolas e diferentes realidades fizeram com que eu compreendesse a necessidade de estar atenta à realidade social dos meus alunos e, como Paulo Freire aponta, é necessário:

[...] tornar-me, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar sendo, no mínimo, menos estranho e distante dela. E a diminuição de minha estranheza ou de minha distância da realidade hostil em que vivem meus alunos não é uma questão de pura geografia. Minha abertura à realidade negadora de seu projeto de gente é uma questão de real adesão de minha parte a eles e a elas, a seu direito de ser. (FREIRE, 2002, p. 51).

A experiência dentro do PET-História me fez aprender a necessidade de ter esse trato com as aulas, já que é necessário que nós professores pensemos nisso e foi com essas reflexões que em várias oportunidades de aproximação com diferentes ambientes de trabalho, indo a escolas acompanhar palestras, participar de eventos nas dependências da Universidade e em outros locais, como viagens para apresentar nossos trabalhos científicos em congressos, como também participar de movimentos sociais em prol da educação, da memória histórica ou para se posicionar diante da realidade política e social do nosso país, pois como coloca Dea-Ribeiro Fenelon

[...] para fazer avançar qualquer proposta concreta como professores de história ou formadores de profissionais de história temos de assumir a responsabilidade social e política com o momento vivido. Para isto, seria necessário antes de mais nada romper com a maneira tradicional de conceber o conhecimento, sua produção e sua transmissão. Isto significa, para mim, em primeiro lugar, o posicionamento no presente, para sermos coerentes com a postura de "sujeitos da história". Se queremos avançar nesta perspectiva temos de nos considerar como "produtores" nesta sociedade que queremos democrática e não como simples repetidores e reprodutores de concepções ultrapassadas. (FENELON, 2008, p. 8).

A história é o estudo das ações dos homens no mundo, levando em consideração as colocações de Marc Bloch (2001), o PET-História proporcionou essa visão mais crítica da realidade e, principalmente, através das discussões realizadas nas "Tardes de Leitura" em que sempre líamos textos da historiografia brasileira e, com isso, fazíamos essa interpretação do mundo à nossa volta com relação aos fatos que ocorreram no passado, sempre realizando esse balanço entre presente e passado, fazendo com que nós conseguíssemos aguçar o nosso senso crítico e também de curiosidade, o que é primordial para desenvolver o conhecimento, como é colocado por Freire:

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. (FREIRE, 1983, p. 16).

Sem dúvida, o PET-História me trouxe grandes ensinamentos, principalmente para a forma como eu enxergava a universidade. Antes, pensava em uma universidade que me daria um conteúdo para eu me qualificar a dar aulas. Mas após essas experiências, consegui ressignificar o seu papel social e, como coloca Boaventura de Souza Santos (2011), consegui entender que a universidade que precisa existir é a que caminha unida à comunidade, promovendo-se cada vez mais como um espaço para a sociedade, promovendo debates e trazendo para o seu âmago discussões em que os grupos sociais não sejam apenas receptores do conhecimento, mas que a construção do conhecimento seja realizada em conjunto.

E, para além disso, compreendi que eu precisava me construir enquanto professora, a partir das pesquisas, do estudo, do ouvir, do observar e do ensinar. Nós não somos formados na universidade, nós nos formamos, é uma via de mão dupla, como coloca Paulo Freire:

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. (FREIRE, 2002, p. 95-96).

Diante disso, consigo observar que todas as experiências que tive, dentro e fora da universidade, me tornaram o que eu sou hoje e em como eu enxergo a educação, as escolas e a universidade. É importante enxergar o quanto todas essas vivências fizeram com que eu conseguisse cada vez mais amadurecer a ideia de ser professora e de me perceber enquanto uma professora.

4 UMA PRÁTICA DIFERENCIADA: NOVAS POSSIBILIDADES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

4.1 O que seria presencial precisou se tornar *online*

Após falar sobre mim, sobre a minha trajetória estudantil e também universitária, preciso mergulhar na questão que fez com que eu entrasse nessa reflexão relativa ao meu processo de desenvolvimento como pessoa e também como professora de História. De início, exponho que este é um relato de experiência daquela que, a princípio, não enxergou com bons olhos realizar seu período de prática de forma *online*. Eram muitas as questões que passavam pela minha mente e mesmo com muitas reflexões, eu permanecia na dúvida se essa seria a melhor escolha ou não. Tais questões tratavam sobre a falta de contato com o ambiente escolar, que futuramente irei ingressar, ou seja, contato com os alunos, os professores, a diretoria e os auxiliares que estão presentes em uma escola, seja ela pública ou privada. Outra questão que aparecia: eu seria capaz de me desenvolver bem, como professora posteriormente, sem possuir essa experiência mais palpável? E, principalmente, será se vou conseguir corresponder, ou seja, dar aulas que promovam o aprendizado dos alunos?

As dúvidas, como já dito, foram muitas e a reflexão sobre elas foi necessária, uma vez que compreender a situação vivida e entender os prós e os contras de se colocar nessa atividade era primordial, mesmo sendo esta uma atividade nova para professores que foram formados para a “*sala de aula*”, no seu modo mais tradicional.

Neste sentido, este terceiro capítulo estará dividido em três reflexões principais para compreendermos como se desenvolveu a prática de ensino. No primeiro ponto, destacaremos os objetivos deste trabalho, justificando o porquê dele estar sendo feito, expondo a problemática que ele se preocupa em questionar, observaremos as questões relacionadas à prática de forma remota e sobre as disposições legais que regulamentam estes. No segundo ponto, apresentarei o Cursinho Pré Enem, como ele foi desenvolvido, seus objetivos e função social. Por último, no terceiro ponto, especificarei os meus aprendizados e as minhas impressões sobre a prática nesse projeto de extensão.

4.2 Ensino a distância (EaD) e o Ensino Remoto Emergencial (ERE) são sinônimos?

Diante de um período tão complexo com sentimentos dos mais diversos, a opção por entender e compreender como nós professores nos sentíamos e como nos adaptamos a esse contexto de mudança que o ano de 2020 nos apresentou se tornou de extrema importância para que conseguíssemos, a partir dessa experiência, retirar ensinamentos.

Nesta perspectiva, temos como principal objetivo realizar uma reflexão sobre como se deu o estágio virtual que ocorreu na Universidade Federal de Campina Grande e no curso de Licenciatura em História e como eu, enquanto estagiária, me vi diante dessa situação nova. Com isso, perceberemos que há no Ensino Remoto Emergencial aspectos que devem ser considerados e percebidos ao adentrar à vida acadêmica de professores e alunos, modificando as suas formas de enxergar o ensino e a aprendizagem.

Assim, conseguimos observar tanto potencialidades dos usos da tecnologia dentro de nossas aulas, como também perceber pontos que atrapalham e distanciam o professor e o aluno perante a troca de conhecimentos. Mas além disto, este trabalho se volta, principalmente, para que as experiências vivenciadas durante todo o processo do estágio supervisionado, que serão relatadas e esperamos que possa servir como exemplo tanto em pontos positivos como negativos da prática realizada nesse ano.

Existe uma grande incompreensão do que é, de fato, o Ensino Remoto Emergencial (ERE), onde a comunidade o compreendeu como sendo um tipo de Ensino a Distância (EaD), assim, passou-se a ter a necessidade de que sejam colocadas de forma mais específicas as diferenças e semelhanças entre estas duas modalidades de ensino, tendo em vista que possuem contextos de uso totalmente diferentes. Esta confusão de conceitos faz com que seja necessário elucidar alguns pontos.

O Ensino Remoto é uma forma de ensino que se volta para situações de calamidades sociais, em que o ensino presencial está impossibilitado de acontecer. Nesse sentido, as práticas realizadas não possuem um planejamento prévio e estratégico, pois, no momento de ser realizado, ocorre em um contexto complexo em que há uma situação emergencial ou com grande dificuldade de acesso ao ensino. Como é colocado por Patrícia Behar:

[...] o Ensino Remoto Emergencial (ERE) é uma modalidade de ensino que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos e foi adotada de forma temporária nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais do mundo inteiro para que as atividades escolares não sejam interrompidas. (BEHAR, 2020, p. 1).

Sobre isso, ressalto que muitos trabalhos vêm sendo desenvolvidos, no sentido de compreender a aplicação e o desenvolvimento deste tipo de ensino. Temos artigos como Eliana Amaral e Soely Polydoro (2020), que desenvolveram um artigo tratando dos “Desafios da mudança para o Ensino Remoto Emergencial na graduação na Unicamp”, fazendo apontamentos relacionados à experiência vivida na universidade e em como esse período fez com que ocorresse uma maior habilidade geral em relação à utilização dos recursos digitais, como também a adoção de estratégias voltadas para os estudantes e também a flexibilização de atividades. Geilsa Valente *et al.* (2020) produziram o trabalho “O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia: Reflexões sobre a prática docente”, onde destacam os impactos sofridos pela comunidade acadêmica, para lidar com a realidade que afetou não só o processo de aprender a aprender como também, aspectos físicos, emocionais e sociais.

Sara Dias-Trindade, Joana Duarte Correia e Susana Henriques (2020) produziram o artigo “O Ensino Remoto Emergencial na Educação Básica Brasileira e Portuguesa: A Perspectiva Dos Docentes” em que tratam sobre a transição do ensino presencial para o ERE, procurando entender como esta foi realizada no ensino básico dos respectivos países, principalmente no que diz respeito à preparação dos professores e das suas escolas.

Com perspectivas parecidas, Raquel Mignoni de Oliveira, Ygor Corrêa e Andréia Morés (2020) produziram o artigo “Ensino Remoto Emergencial em Tempos de Covid-19: Formação Docente e Tecnologias Digitais”, discutindo a continuidade das aulas no período ainda de pandemia, abordando as questões relativas às tecnologias digitais e em como os professores foram assistidos nesse sentido dentro da rede privada de ensino, revelando necessidades que precisam ser atendidas para que o trabalho dos professores não se torne extremamente cansativo, como por exemplo, espaço digitais para interação e compartilhamento de conteúdo.

Ester Maria de Figueiredo Souza e Lúcia Gracia Ferreira (2020), com a produção “Ensino Remoto Emergencial e o Estágio Supervisionado nos Cursos de Licenciatura no Cenário da Pandemia Covid 19”, propõem uma reflexão acerca de uma etapa tão importante para a formação inicial dos professores ser realizada por meios remotos, preocupando-se, principalmente, com as funções sociais de um professor de ensino básico.

Há outros artigos que versam sobre o assunto, tratando das suas inconsistências, suas contribuições e, principalmente, em como a comunidade conseguiu lidar com essa mudança tão brusca. É importante tratar dessas temáticas, para que no próximo ano, que ao que tudo indica, a maior parte dos estabelecimentos escolares permanecerão funcionando de modo remoto, as mudanças necessárias para a viabilização de um melhor funcionamento sejam feitas.

Nesse sentido, no Brasil, ao pensar sobre ensino não presencial, podemos chegar a exemplos como o desenvolvido pela Fundação Roberto Marinho, o “*Telecurso*” que data do início da década de 2000, e que unia em suas aulas gravadas conteúdo escrito, filmico e fotográfico (BISPO; BARROS, 2016), sendo distribuído pela TV nos canais ligados ao Grupo Globo. Mas além deste exemplo, temos a plataforma digital que é bastante famosa no ambiente dos cursinhos pré-vestibulares, o “*Descomplica*”, que é um ambiente virtual de ensino que produz, de forma *online*, aulas voltadas para o Enem e para os exames das principais universidades do país. Criada no ano de 2011, é considerada a maior plataforma *online* voltada a Educação no Brasil.

O primeiro exemplo colocado aqui por nós se volta principalmente para o uso do audiovisual dentro das aulas, sendo essa uma forma sugerida ainda na década de 1930, pela Escola Nova. Um outro ponto a se destacar é a utilização dessa maneira de exposição pelo Estado Novo no Brasil, a partir da criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo, em que o governo financiava filmes educativos com o intuito de instruir a juventude e fazer uma propaganda dos interesses do Estado (BISPO; BARROS, 2016). A educação, nesse sentido, não se limitava à sala de aula, posto que era intencionalmente vinculada ao Estado. Isto é perceptível a partir das propagandas e de acordo com os desejos do Estado. Assim, é importante refletir sobre que tipo de educação se queria ao criar esse conteúdo. Como nos faz refletir Paulo Freire: com o que essa educação está comprometida? (FREIRE, 2018). A criticidade nessa situação é de extrema importância para o desenvolvimento da aprendizagem e para que se tenha sentido estudar história.

Sem dúvidas, são processos diferentes das práticas docentes as quais as escolas estão habituadas, tendo em vista que mesmo com o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na Educação, a grande maioria das escolas públicas não contam com todo o aparato tecnológico e físico apropriado para o seu uso, o que por vezes pode ser contornado. Mas para isso, exige-se que o professor se redobre em sua prática, e mesmo assim, a utilização da tecnologia na escola se faz de forma diferente do que quando estamos trabalhando a aula como um todo por meio da tecnologia.

Tendo em vista a situação de calamidade social, imposta pela COVID-19, novas formas de se trabalhar foram desenvolvidas nas mais diversas áreas, o que não foi diferente com a educação, tendo uma adaptação mais rápida em alguns lugares. Geralmente as instituições particulares, que atendem predominantemente a classe média e alta da população, passaram

rapidamente a ter suas aulas em plataformas digitais, mesmo que estas não fossem inicialmente passíveis de serem consideradas parte da carga horária mínima de aulas.

Entretanto, é interessante notar que as aulas nas escolas públicas só retornaram a partir da homologação do parecer CNE/CP Nº 5/2020², que dispôs sobre a possibilidade de que as atividades não presenciais, realizadas por meios digitais, se tornassem parte do cumprimento da carga horária mínima anual e, com isso, fosse possível realizar a substituição das aulas presenciais durante o período em que ocorre pandemia do “novo coronavírus”, o que nos coloca diante de trabalhos diferentes e que lidaram com a situação em velocidades diferentes.

As instituições públicas acabaram sendo mais lentas nesse processo e isso ocorreu, em grande medida, por elas não possuírem um público homogêneo, o qual não consegue ter acesso a todos esses meios de comunicação com facilidade, tendo em vista o grande nível de desigualdade social que existe em nosso país. Conseguimos ter uma ideia disso no artigo de Paulo Arns da Cunha (2020) sobre a desigualdade entre os dois ambientes educacionais:

Uma questão a se pontuar é a desigualdade gigante entre os sistemas públicos e privados da educação básica — e a própria distância social entre as famílias dos estudantes. Enquanto alunos de escolas particulares aprendem por meio de diversos recursos e estratégias combinadas, como vídeo ao vivo ou gravado, envio de tarefas, mentoria e sessões em grupos menores para tirar dúvidas, muitos estudantes das escolas públicas sequer têm acesso à internet. (CUNHA, 2020, p. 1).

A desigualdade, que faz com que os alunos não tenham acesso às aulas, faz com que, cada vez mais, os professores sintam que seus alunos não conseguem compreender os assuntos, dificultando, assim, o aprendizado. Para além disso, não é só o acesso à internet que limita o aprendizado, outros fatores, como a possibilidade de ter um local adequado de estudo é extremamente importante para que os alunos consigam se desenvolver e focarem nos estudos. Quando pensamos na escola pública, mas não restringindo só a ela, há alunos que não conseguem ter em suas casas locais adequados para assistir suas aulas e, muitas vezes, em uma só casa, há dois ou três estudantes, com isso, há a necessidade de mais de um aparelho com acesso à internet para que se tenha acesso às aulas.

Nesse sentido, o acesso à rede mundial de computadores, tendo como base a pesquisa TIC Domicílios, realizada pelo Centro Regional e Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), no ano de 2019, demonstrou que 46 milhões de brasileiros não

² Parecer Legal CNE/CP Nº 5/2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14511-pcp005-20&category_slud=marco-2020-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 29 nov. 2020.

possuem acesso à internet, 45% pelo serviço ser muito caro e 37% não possuem os equipamentos como celular e computador. Nessa mesma pesquisa, constatou-se que, a cada cinco pessoas entrevistadas, uma delas afirmava só ter acesso à internet por empréstimo dos vizinhos (RAQUEL, 2020).

Diante dessa situação, muitos professores se veem em uma situação complexa, pois não conseguem avaliar o seu trabalho de maneira positiva, julgando falta de qualidade, gerando uma insegurança notável, como é possível observar no dossiê realizado pelo Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo, levando em consideração a rede estadual paulista e com um número de professores majoritariamente feminino, Edson Grandisoli pesquisador do grupo Cidades Globais, coloca que:

A maior preocupação [desses professores] foi mesmo quanto à percepção relacionada ao aprendizado dos alunos, a qual mostrou que quase a totalidade dos docentes acredita que os alunos estão aprendendo menos ou muito menos, principalmente devido à desigualdade de acesso existente no corpo discente, como o acesso à internet e aos meios tecnológicos. (GRANDISOLI, 2020, p. 1, apud EDUCAÇÃO..., 2020, grifos meus)

No entanto, um ponto a se destacar nesta mesma pesquisa é que os professores enxergaram a necessidade de se adequar às novas tecnologias, como algo positivo e desafiador, uma nova forma de conduzir a aprendizagem e, sem dúvidas, uma maneira de inovar dentro das suas aulas. É possível apreender que existem algumas questões que precisam ser colocadas ao pensarmos sobre a atividade de ensino remoto emergencial, a principal é a de entender como este se dá e como poderia ser desenvolvido de maneira satisfatória. A questão é que passamos de um ensino presencial para um ensino remoto e todo esse movimento causou estranhamentos relativos às formas de ensino e aprendizagem.

Inicialmente, o que ocorreram foram impressões e tentativas de ser estabelecido esse tipo de atividade nos modos do EaD, entretanto, as suas especificidades dificultaram o processo, pois, a Educação a Distância é uma modalidade de ensino complexa e que tem uma legislação própria, tendo uma equipe qualificada em todos os âmbitos, desde a parte administrativa até a produção do material didático utilizado nas aulas com a mediação dos docentes, como é colocado por Cassandra Joye, Marília Moreira e Sinara Rocha (2020). Para além disso, é de extrema importância, que os professores que atuam nesta modalidade possuam uma formação específica, além da necessidade de se ter técnicas de produção de conteúdo educacional construídas por equipes multidisciplinares, e o que é primordial, o público-alvo desta modalidade é composta por adultos.

Dessa maneira, quando enxergamos as atividades educacionais remotas e emergenciais, percebemos uma modalidade que não possui uma legislação própria, diferente do EaD que está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. No Ensino Remoto, o que é observado é um professor que passa a ter o papel de transmitir o conteúdo, se dispondo a elucidar dúvidas, transmitir cópias impressas de textos que utilizaria em atividades presenciais, utilizando como meios de comunicação com seus alunos, alguns aplicativos, como por exemplo, *Whatsapp*, e realizar a produção de videoaulas ou mesmo de aulas ao vivo. A questão principal é que o aluno dentro do ensino remoto tem pouquíssima interação com o professor e também com seus colegas e o mais difícil é que todas essas práticas do ensino presencial, adaptadas ao contexto remoto, estão voltadas principalmente para o ensino básico, universitários e pós-graduandos, já a formação dos professores para realizar essas adaptação não existiu e quando existiu, foi realizada de forma apressada (JOYE; MOREIRA; ROCHA, 2020), tendo esses que se desdobrarem ainda mais para cumprir os objetivos da aula, sem ter necessariamente um apoio.

Como é colocado por Patricia Alejandra Behar (2020), na EaD é preciso que se crie um modelo pedagógico,

Este é constituído por uma arquitetura pedagógica composta pelos aspectos organizacionais, de conteúdo, metodológicos, tecnológicos e as estratégias pedagógicas a serem empregadas. Esse modelo é voltado para alunos, professores, tutores e, também, gestores, compreendidos como os sujeitos da EAD. (BEHAR, 2020, p. 1).

O que se é realizado no Ensino Remoto Emergencial é uma adaptação daquilo que tínhamos na sala de aula presencial, sendo que nem os professores e nem os alunos estavam familiarizados, ponto que é de extrema importância, pois os dois grupos devem ter determinadas posturas diante do ensino e da aprendizagem para que se tenha o sucesso educacional.

O Ensino Remoto Emergencial é uma necessidade diante da situação pandêmica que enfrentamos, mas ele não é o ideal, pois não consegue suprir a necessidade de alunos do ensino básico. Também não supre as necessidades de um aluno de graduação e isto ocorre não por falta de esforço dos professores, mas porque não existe nele um modelo pedagógico sólido, um projeto homogêneo de ensino e aprendizagem, motivo pelo qual não consegue fazer com que a relação aluno-professor e professor-aluno tenha sucesso.

Principalmente, não há em nosso país, condições sociais para que este tipo de educação seja realizada de forma a incluir a todos. Em um país com tanta desigualdade e com tantos problemas sociais, não há como garantir que uma criança de 8 anos em um bairro periférico

consiga ter acesso à internet, computador ou celular, nem que ela tenha a maturidade e disciplina de continuar estudando mesmo diante de um contexto social, que envolve uma pandemia, seus pais podem estar desempregados, doentes, sem dinheiro, há diversas possibilidades que influenciam em como esse aluno pode enxergar esse ensino, tendo em vista o momento atual tanto socialmente como economicamente no nosso país.

O ensino remoto emergencial, como bem diz Patricia Alejandra Behar (2020), é remoto pelo distanciamento geográfico, e é emergencial porquê de uma hora para outra foi preciso esquecer todo o planejamento para 2020 e se reestruturar novamente. Diante do período em que estamos passando, ele é essencial e necessário e, por isso, nós enquanto professores devemos estar abertos a aprender a como construir aulas e relações mais próximas de nossos alunos. Mas é importante levar em consideração que não se deve pensar o ERE para além do período de pandemia, pois não se mostra satisfatório para nenhuma das partes envolvidas no processo.

4.3 O Cursinho Pré Enem

Diante do cenário pandêmico e como forma de oportunizar a formação dos seus alunos, a Unidade Acadêmica de História buscou criar o Curso de Extensão Pré ENEM Ciências Humanas, com o intuito de suprir a necessidade de estágio para que os alunos, que assim como eu, estavam no final de sua licenciatura e precisavam concluir esta formação inicial, conseguissem alcançar esse objetivo mesmo tendo pela frente o obstáculo da pandemia da COVID-19, que impossibilitou o acesso a escolas, que nesse momento ou estavam sem nenhum tipo de atividade ou realizando-as por meio digital.

Dessa forma, a UAHis conseguiu atender os termos da Portaria MEC nº 544, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, no período da pandemia da COVID-19, regulamentando as atividades práticas, laboratoriais e também a oferta de estágios das instituições de ensino superior (IES) (BRASIL, 2020). E, dentro da UFCG, essa atividade se sustentou com base na Resolução nº 06/2020, que regulamenta o Regime Acadêmico Extraordinário (RAE) — denominação escolhida pela UFCG para esta modalidade, que em outras universidades possuiu diferentes nomenclaturas — que possibilitou a oferta de atividades de ensino e aprendizagem de forma remota, durante o calendário suplementar 2020.3, diante do período de pandemia (UFCG, 2020). Tendo também a Resolução Nº 02/2004, que regulamentou as atividades de extensão na universidade.

A prática de ensino do Curso de História é regulamentado pela Resolução nº 01/2019, e consiste em um momento de experimentação profissional dos discentes da licenciatura em História, para o desenvolvimento da capacidade de identificar problemas concretos de pesquisa, que permitirá pensar sobre o exercício crítico da profissão e do seu papel social. Isto faz parte da formação e atuação no campo profissional, assim como o entendimento sobre as novas tecnologias que desafiam as instituições formadoras. Isto posto, o plano da atividade que ocorria presencialmente nas escolas públicas da cidade foi readequado, garantindo todos os mecanismos de orientação e supervisão que são necessários no estágio, de acordo com o que recomenda a Lei nº 11.788/2008 e as Diretrizes Nacionais Curriculares, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), enquanto durar a pandemia.³

Diante de todas essas regulamentações, foram propostas ações para viabilizar a prática de ensino do curso de História, realizando, assim, todos os passos necessários para a formação do professor, ou seja, atividades de planejamento didático, produção de planos de aulas e de materiais didáticos, como também a atividade prática do estágio. A proposta contempla as temáticas cobradas no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que é atualmente uma grande porta de entrada para as universidades públicas do Brasil e está presente na vida dos estudantes do Ensino Médio brasileiro. Com isso, tratamos no nosso trabalho as temáticas que são relativas à disciplina de História, as aulas seriam produzidas e realizadas pelos estagiários e os inscritos deveriam ser estudantes da educação básica que buscam se preparar para o exame, sendo todo esse processo acompanhado pelo professor titular da disciplina de Prática do Ensino de História.

Entendo o Ensino de História como aquele que vai proporcionar que o aluno consiga lidar com as situações presentes na sua vivência e em seu contexto social, a partir das experiências que já ocorreram no passado, realizando nas aulas um vai e vem entre presente e passado, que gera uma reflexão sobre a realidade vivida pelo aluno e, para além disso, consiga compreender os eventos ocorridos no passado. Nesse sentido, não se trata de ver o passado pelo passado, mas como um instrumento para compreender o contexto atual (SILVA, 2018).

Com isso, diante da decisão de fazer ou não o estágio nesse novo modelo, muitas foram as dúvidas, as quais versavam entre o ímpeto pela experiência presencial e a nova experiência, a qual enriqueceria o nosso currículo e não só ele, mas possibilitaria uma formação diferenciada, que poderia ser utilizada em nossas aulas presenciais ou mesmo em outro momento, novamente de maneira *online*. Tendo em vista o contexto de saúde pública que estamos vivendo, o fato é que o que aprenderíamos não serviria apenas para o meio digital, já que uma das técnicas

³ De acordo com a proposta do projeto do **Curso De Extensão Pré Enem Ciências Humanas**.

utilizadas, a sala de aula invertida, por exemplo, pode ser facilmente trabalhada com os alunos em aulas presenciais.

Dessa forma, apesar das dúvidas, o pensamento de perda que ao início perpassava os nossos pensamentos, se transmutou em uma sensação de novidade e de valorização dos aprendizados que ali seriam proporcionados, e que poderiam fazer parte da nossa prática, ampliando não só o nosso conhecimento, mas também o nosso repertório didático relacionado ao processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, ao pensar na prática que nós desenvolveríamos no Pré Enem, nas aulas *online*, síncronas, utilizaríamos a plataforma de reuniões online *Google Meet*, que passou a ser amplamente utilizada nesse período de pandemia que estamos passando, não só pelas escolas como também no meio corporativo. Aproximando-se do que é feito na Plataforma do Descomplica, que realiza aulas *online* e também possui gravações, no nosso caso, não haveria aulas gravadas, o diálogo com os nossos alunos seria realizada por meio do *chat*, disponibilizado pela plataforma, pelos e-mails, dentro da plataforma *classroom* do google e do aplicativo de mensagens *whatsapp*, para além disso, poderíamos utilizar de todo o conteúdo disponível na internet, sejam eles vídeos no *youtube*, questões de vestibulares ou textos sobre as temáticas desenvolvidas nas aulas.

Com isso, utilizou-se da metodologia da Sala de aula invertida, na qual os alunos já chegam para a aula com o conhecimento do assunto, pois este é reunido, organizado e enviado a eles anteriormente, sendo o responsável por todo esse trabalho, o professor que durante a sua aula, buscará fazer reflexões que façam com que os alunos adentrem a discussão e construa com ele esse conhecimento. Essa prática é muitas vezes vista pelos alunos como uma renúncia do professor ao seu papel, o que é necessário fazer em relação a isso é adaptar os alunos a esse novo modo de enxergar as aulas, o que foi conversado e acordado nas nossas primeiras aulas.

Contudo, é importante ressaltar que ainda haveria muitas dificuldades, visto que há especificações de um ensino remoto que não dominamos, e que vão além do que faríamos em uma sala de aula presencial e, como já dito, há necessidades diferentes para cada situação de aula, as trocas com os alunos se dão de formas diferentes, as quais não estamos habituados e nem preparados para ter. Esta, com certeza, foi a maior dificuldade para o curso de história da UFCG, ao oferecer um cursinho Pré vestibular, para a comunidade geral.

4.4 Relato da Experiência: A experiência vivenciada na prática de ensino

A partir do ERE, ocorreu o Curso de Extensão Pré Enem Ciências Humanas, no qual tínhamos como objetivo trabalhar as temáticas que são cobradas no Exame Nacional do Ensino Médio. Para isso, as turmas de Prática de Ensino em História se uniram ao setor de história do Cursinho Pré Vestibular Solidário (PVS), que é ofertado pela UFCG à comunidade geral, tendo como principal interesse a preparação para o Enem, este é constituído por professores formados ou graduandos da própria universidade. Sendo assim, se formaram três turmas para as aulas *online*.

Foram realizadas inscrições através de um formulário *google* e conheceram o curso através da divulgação do cartaz (Figura 1), nas redes sociais, tanto do Centro de Humanidades (CH), como também nas redes da Unidade Acadêmica de História (UAHis) e dos alunos do curso de história que replicaram em suas redes particulares os cartazes relacionados ao curso de extensão, sendo veiculados também propagandas deste curso nas rádios da cidade.

Figura 1 - Cartaz Pré Enem



Fonte:

Analisando o público que se inscreveu no cursinho, temos a sua maioria entre as idades de 16 a 30 anos, entretanto, ocorreram inscrições de pessoas com idades superiores, como, por exemplo, maiores de 60 anos. Neste sentido, o cursinho conseguiu atrair a atenção de pessoas de diversas idades que buscavam, em sua maioria, uma melhor preparação para o Enem 2020, que ocorrerá no início do ano de 2021.

As aulas foram principalmente desenvolvidas levando em consideração a situação na qual estávamos passando, ou seja, desde o começo do planejamento nós tínhamos a preocupação de adequar ao Ensino Remoto Emergencial (ERE), para isso, contamos principalmente com as Metodologias Ativas, que em seu processo de ensino e aprendizado:

[...] têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor. Quando acatadas e analisadas as contribuições dos alunos, valorizando as, são estimulados os sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento, além da persistência nos estudos, entre outras. (BERBEL, 2011, p. 28).

Utilizamos-nos desse método principalmente para que os alunos conseguissem desenvolver uma maneira mais autônoma de aprender, fazendo relações sobre o assunto trabalhado e situações do nosso contexto atual. Para além disso, esse método faz com que os alunos consigam desenvolver ainda mais a responsabilidade por aquilo que estão aprendendo, ou seja, são sujeitos na construção do conhecimento.

Com o uso desta técnica, passamos a ter professores que não possuem como função principal depositar o seu conhecimento em seus alunos, mas, sim, aqueles que auxiliam os alunos a organizar os conteúdos e, a partir disso, construir o conhecimento nesse processo de troca e debate. Nós, vinculados ao Pré Enem, ao pensarmos os planos de aula para cada temática, buscamos fazer com que os alunos conseguissem refletir sobre o conteúdo discutido em cada aula. Nesse sentido, o ensino de história atualmente exige que o professor possua uma postura reflexiva e que exista uma constante atualização, o que gera consequentemente a utilização de diferentes linguagens que partam do contexto social em que o aluno está inserido, auxiliando a difusão e compreensão do conhecimento histórico (MEDEIROS, 2005).

Nesse sentido, nos baseamos nos modelos existentes na educação a distância, como a utilização da plataforma do *google classroom*, na qual conseguíamos organizar os conteúdos a serem disponibilizados aos alunos, sendo este o nosso principal Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA, que é o local em que todo o material organizado e selecionado por nós ficou disponível para os alunos. Para além disso, pensamos em como realizar uma conversa ainda mais direta com os nossos alunos, unindo-os em grupos no *whatsapp*, que é um aplicativo de envio de mensagens no qual todos os estagiários de cada turma estavam presentes, para que fossem retiradas as dúvidas e também solicitada a realização de atividades pelos alunos.

Com essa perspectiva de fazer com que os alunos se envolvessem nas aulas e se comprometessem em realizar os estudos necessários antes das aulas, nós desenvolvemos, em nossos planos, um conjunto de atividades que os auxiliaram a chegar nas aulas preparados para as reflexões que seriam propostas por nós estagiários.

Nesse sentido, em nossas exposições, nós utilizamos de imagens para a reflexão sobre as temáticas apresentadas, pensando-as enquanto produtos que possuem intencionalidades no

processo de construção, mas que, mesmo assim, podem auxiliar no processo de aprendizagem, devido ao fato de transmitirem a representação de contextos históricos que podem facilitar a aproximação do aluno com a temática da aula. Com isso, buscamos levá-los a entender sobre outras formas de linguagem, que vão além da tradicional, utilizando-as para auxiliá-los a realizar questionamentos e a desconstruir as formas ideológicas (LITZ, 2009).

As temáticas trabalhadas durante todo o curso se relacionaram ao Enem, mas aqueles que meu colega e eu trabalhamos foram: os Grupos sociais em conflito no Brasil Imperial e a construção da nação; as lutas pela conquista da Independência política da América e a Economia agroexportadora brasileira: complexo açucareiro; a mineração no período colonial; a economia cafeeira; a borracha na Amazônia.

Com essas temáticas em mãos, nós desenvolvemos nossas aulas com base nos livros didáticos, como também em artigos e, inclusive, uma das ações que nos auxiliaram bastante foi a de assistir as aulas *online* presentes no *youtube*, que é uma plataforma *online* de hospedagem de vídeos produzidos por qualquer pessoa, que é atualmente utilizada por muitos educadores como forma de divulgar os conhecimentos construídos em âmbitos escolares, pois, como diferentemente de um estágio presencial em que nós temos um contato inicial com a turma e com o modo de dar aula do professor receptor. Nós começaríamos o nosso estágio sem ter essa primeira impressão acerca de como se portar e de como desenvolver a aula, entretanto, esta situação foi bastante debatida em nossas aulas de prática de ensino, de forma teórica.

Durante nossas discussões, pude aguçar a preocupação em como passar a grande quantidade de assuntos propostos para o curso com a carga horário de 60 minutos semanais, para dar conta do mesmo conteúdo que nas aulas presenciais da educação básica em uma escola duraria bem mais tempo, já que seria em média 120 minutos por semana. Uma vez que, a ERE:

Requer do professor aprofundar-se nas técnicas de comunicação, tais como, formas mais eficientes de expor e explicar conceitos e de organizar a informação, de mostrar objetos ou demonstrar processos, bem como domínio da linguagem informacional, conhecimento e uso das mídias e multimídias, num esforço contínuo de atualização científica e em campos de outras áreas relacionadas, bem como incorporação das inovações tecnológicas (VALENTE, 2020, p. 10).

Entretanto, os objetivos do curso eram o de ser um cursinho pré-vestibular, onde as aulas são mais rápidas e com a intenção clara de ser uma revisão dos assuntos, para o qual preparávamos materiais que os alunos deveriam estudar no tempo que existia entre as aulas semanais. Isso nos deu a dimensão de um cursinho pré-vestibular e de como nós deveríamos

nos portar diante de uma atividade como essa, tendo que ser mais sucintos e pontuais nas questões que são mais cobradas nas provas.

Desse modo, a autonomia dos cursistas e a sua responsabilidade diante das suas funções como aluno se tornou de extrema necessidade, pois ele seria o principal responsável por gerenciar seu tempo em prol disso. As aulas ocorreram às quartas-feiras do dia 30 de setembro a 26 de novembro, sendo o primeiro dia dedicado a conhecer os alunos e compartilhar com eles como o cursinho funcionaria. Tivemos duas horas de aulas por dia, tendo duas duplas por dia, cada dupla trabalhando sua temática. As aulas, portanto, ocorreram através do *google meet*, que é uma plataforma em que é possível realizar conferências virtuais, que pode ser utilizada como meio de dar aulas de forma *online* e que foi utilizada durante todo o período por nós no curso de extensão. Na turma com que trabalhei, que era a 2, chegamos às últimas aulas com duas pessoas assistindo as aulas, fora os nossos colegas estagiários e a supervisora.

Diante disso, podemos dizer que o Ensino Remoto Emergencial (ERE), de fato, enfrenta problemas relacionados a recurso para compra de computadores ou *smartphones* e, em grande medida, para se ter acesso à aula por meio da internet, tendo em vista que, nos formulários de inscrição, nós tínhamos muitos alunos que eram em sua maioria de escolas públicas e que possuíam apenas o celular para ter acesso às aulas.

E, mesmo em um curso de extensão, os efeitos da desigualdade social brasileira são sentidos. No nosso caso, nós disponibilizamos dois formulários com um simulado de questões para o Enem, de todos os alunos, apenas dois responderam as questões, o que expõe a falta de envolvimento dos cursistas com nossas aulas. O que podemos concluir, diante disso, é que mesmo que nós tenhamos nos esforçado para construir aulas dinâmicas e didáticas, a adaptação à plataforma não aconteceu da maneira mais eficaz.

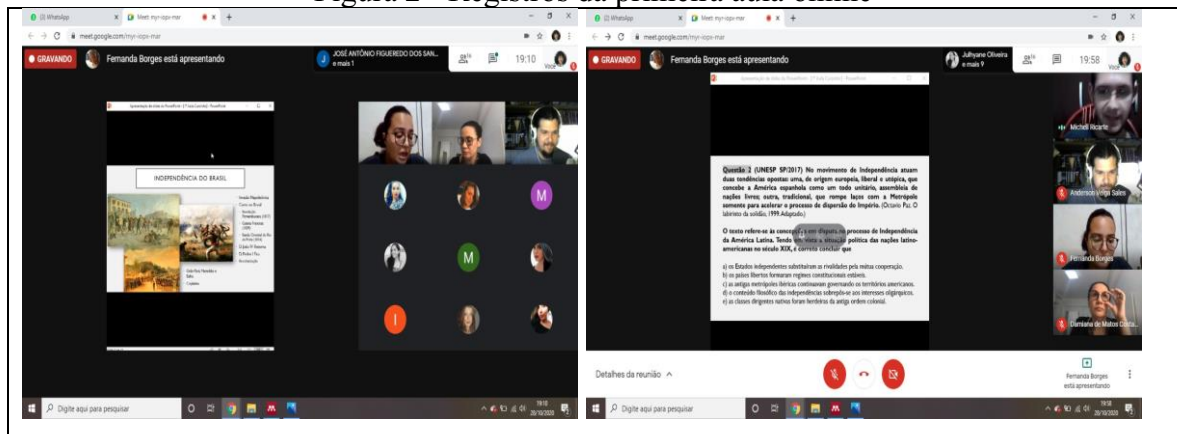
Nesta perspectiva, nós conseguimos observar que o ERE possui características específicas, o qual não é possível se adotar de maneira rápida e fácil, haja vista que é necessário se ter a especialidade no modelo de ensino. E, indo mais além, os alunos para os quais o Ensino Remoto está sendo oferecido precisam ser orientados a como estudar de modo remoto, sem isso, é difícil ter resultados positivos. Desse modo, voltamos ao ponto de que o ERE é uma medida necessária para o momento em que estamos, mas que não pode se tornar uma regra na educação, sendo necessário que haja adaptações e, principalmente, que cada vez mais se consiga apoiar os professores e os alunos em meio a este momento de calamidade social.

Já com relação ao estágio em um momento como esse, nós perdemos muitas experiências de uma sala de aula presencial, como, por exemplo, a convivência interpessoal

com os alunos, a experiência em uma escola, a ter a dimensão de uma sala de aula. Em contrapartida, tivemos a oportunidade de trabalhar novas formas de produzir nossa aula, a partir da metodologia ativa, com a ideia de aula assíncrona e síncrona que pode e deve ser trabalhada de forma presencial. Um dos pontos positivos do nosso estágio foi o de poder colocar nossas ideias nas aulas, sem necessariamente seguir uma lógica do ensino básico, que deixa de lado, muitas vezes, o aprendizado em busca das notas.

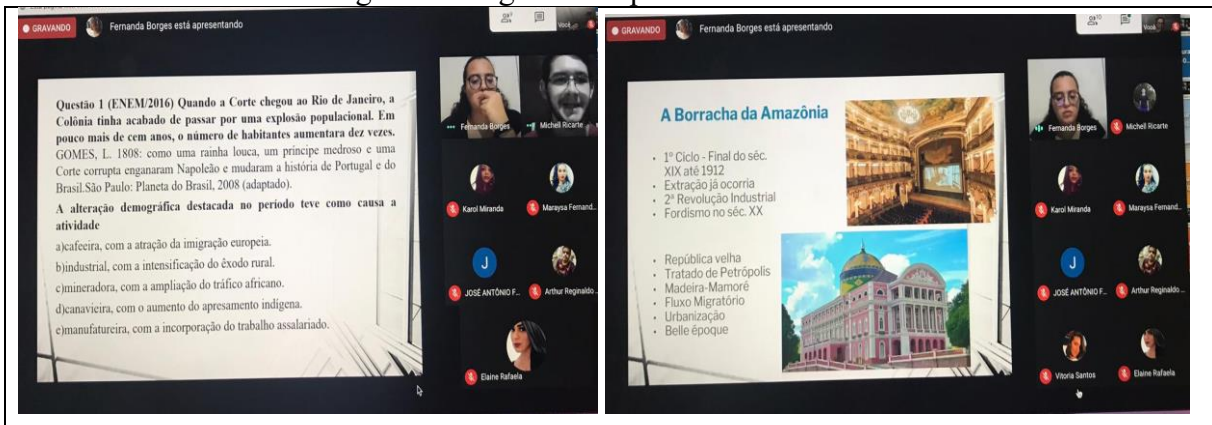
No entanto, o ponto que posso exaltar dessa experiência foi o processo de dar ao aluno autonomia, podendo fazer com que ele exponha suas ideias e aquilo que estudou, enxergando o ensino como uma construção, me enxergando, assim, como uma professora que respeita e que não se furta ao dever de ensinar (FREIRE, 2002), apresentando uma visão crítica e voltada para os objetivos da aula, tentando fazer com que a aula, mesmo em um Ensino Remoto Emergencial, se tornasse ainda mais proveitosa para os nossos alunos.

Figura 2 - Registros da primeira aula online



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Figura 3 - Registros da primeira aula online



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Para a primeira aula, eu e Michell nos reunimos algumas vezes via *google meet*, ao longo de algumas semanas antes da semana da aula e debatemos os assuntos, através das leituras que possuímos da graduação e a pesquisa que realizamos para a preparação da aula, buscando formas didáticas de gerenciar o conteúdo, ou seja, buscamos livros didáticos, aulas online, mas também textos acadêmicos que pudessem dar maior firmeza às informações que iríamos abordar. Desse modo, optamos por iniciar nossa aula com uma provocação reflexiva através de um meme do Instagram, que dentro do ciberespaço consegue destacar mensagens, fazendo com que tenham uma maior repercussão, pois possuem nesse sentido a necessidade de expressar uma ação, seja ela de tristeza, felicidade, ironia ou irreverência (SILVA, 2019). Fizemos isso com o intuito de chamar a atenção dos alunos, sobre as diferenças nas independências na América Latina, como também organizamos os materiais a serem enviados aos alunos, uma semana antes da aula, utilizando assim da sala de aula invertida com as plataformas *classroom* e o *whatsapp*. Dividimos nossa aula em assíncrona e síncrona, organizando, assim, os estudos dos nossos alunos e ainda separando um tempinho no final da aula online para que nós conseguíssemos resolver duas questões com os alunos.

Nesse sentido, a nossa primeira aula ocorreu no dia 28 de outubro de 2020, os materiais foram enviados uma semana antes da aula, e na nossa aula contamos com 16 pessoas participando da reunião, entre estas tínhamos colegas estagiários, nossa supervisora e os alunos. Contamos com a participação dos alunos principalmente na parte inicial com o meme inicial e no momento das questões do Enem, interagiram por meio do chat, onde também expuseram suas dúvidas.

A experiência de dar aula de forma *online* é diferente, nós ficamos diante de uma tela, não conseguimos enxergar nossos alunos e a falta de contato fez com que ficássemos sem um contato direto. Por isso, acabamos ficando inquietos e sem a certeza de que eles estão compreendendo o que está sendo dito, se estamos sendo claros o suficiente. Ao mesmo tempo que ao ver as respostas às reflexões feitas e as questões apresentadas, sentimos a presença e o carinho deles com a gente, o que acaba dando mais vontade de fazer melhor e estar cada vez mais próximos dos nossos alunos.

Com relação a nossa segunda aula, seguimos basicamente o mesmo preparo, mas, dessa vez, tentamos passar um pouco menos de conteúdo na aula assíncrona, por não termos obtido tantas respostas nos formulários de questões relativas à primeira aula. A aula ocorreu no dia 18 de novembro de 2020, com a temática “Economia agroexportadora brasileira: complexo açucareiro; a mineração no período colonial; a economia cafeeira; a borracha na Amazônia”,

relacionada à competência 6 do Enem. Para esta, tivemos uma quantidade ainda menor de participantes na aula, cerca de 10 pessoas. Entretanto, a quantidade de respostas que tivemos no formulário foi igual, apenas dois alunos. A experiência nos agrega ainda mais no sentido de estarmos preparados, escolher a melhor forma de comunicação com o público da nossa aula e a nos adequamos à quantidade de tempo que é dado para tratar de determinados temas.

No que tange à nossa prática, fomos avaliados pela professora Damiana, que nos acompanhou durante todo o processo de construção dos planos de aula e também na criação da didática que nós iríamos utilizar para organizar nossa aula, realizando reuniões semanais e tirando nossas dúvidas. De modo geral, nossas aulas contaram com a participação de alguns alunos que nos questionaram e que mostraram que estudaram através dos materiais didáticos que nós enviamos anteriormente. Os pontos positivos que podemos destacar dessa atividade se relacionam, principalmente, por termos aprendido um pouco mais a trabalhar nos meios eletrônicos, utilizando daquilo que a internet nos disponibiliza, ou seja, ao enviar textos e vídeos anteriormente para os estudantes, nós conseguimos fazer com que eles olhem estes materiais de maneira mais crítica e voltada aos conhecimentos específicos necessários para se aprender a História, demos a eles autonomia.

E, durante as nossas aulas, nós conseguimos fazer com que os pontos principais fossem elucidados e chamados a atenção, explicitando suas dúvidas e fazendo com que se questionassem sobre o assunto, realizando, assim, uma troca muito sadia para o processo de aprendizagem, pois “Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar” (FREIRE, 2002, p. 26).

Há muitos pontos a se melhorar na nossa prática, e isso me refiro a como envolver os alunos no Ensino Remoto e fazer com que eles participem em maior medida. enxergo que esse desinteresse e falta de adesão tenha surgido porque nós, em grande medida, não conseguimos pensar o ensino remoto sem termos como base uma aula presencial. Nesse sentido, nos faltou a habilidade de fazer com que a aula se tornasse algo mais voltado ao *online*, aplicando as técnicas e especificações para esse meio, as quais não domino e não consegui implantar de maneira satisfatória, como professora. Logicamente que a falta de interesse vai muito além disso, existiam diversos cenários para nossos alunos, alguns trabalhavam, outros por algum motivo não estavam com a internet ao seu alcance e teve aqueles que nem ao menos começaram o curso.

Conquanto, vejo que o grande problema enfrentado por nós foi o relacionado a se adaptar a uma ideia de Ensino Remoto sem possuir e sem construir as habilidades para tal, faltou entrosamento, uma troca mais constante. No momento da aula, nos sentíamos muitas das vezes sozinhos, sendo que o diálogo existiu, mas foi pequeno e muito superficial. Ao meu ver, o estágio foi satisfatório, para entender todo esse novo modelo de ensino que estamos no contexto atual e que vamos continuar até que as coisas normalizem-se, ter essas dificuldades e esse conhecimento é de extrema importância para compreender o ensino atual e entender no que e em como melhorar, para nas nossas próximas experiências como professores de história, ao proferir aulas *online*, nós tenhamos um desenvolvimento melhor.

Como eu já possuía experiência no ensino presencial, por meio das extensões que trabalhei no PET-História, acredito que participar do Pré Enem foi uma experiência muito vantajosa, também dentro do curso de História da UFCG, pois consegui ter os dois mundos em minha formação. Os contras dessa atividade ficam muito mais voltados para o pouco diálogo, a falta de contato físico, ou seja, de entender as reações que os alunos têm diante da aula, suas expressões faciais, seus olhares de dúvidas, seus sorrisos, diante de uma de suas falas, tudo isso implica em um distanciamento que gera uma certa angústia para o professor.

Porém, foi uma experiência que me fez crescer ainda mais como a professora que eu pretendo ser no hoje, mas também no futuro, tendo em vista que cada vez mais será valorizado por mim, o encontro com meu aluno, o olho no olho estes são sem dúvidas atributos essenciais de uma boa aula e uma boa relação professor-aluno. Mesmo assim, enxergo as duas experiências como extremamente diferentes, mas igualmente enriquecedoras, tendo em vista que nós somos o resultado de todas as coisas pelas quais já passamos e essa, com toda certeza, faz parte de um dos capítulos mais complicados da minha formação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda essa reflexão sobre a minha trajetória enquanto estudante de história e professora, consigo compreender a importância que cada pequeno ou grande acontecimento teve para que a minha formação fosse realizada. Não seria justo colocar aqui que a prática de ensino de forma *online* foi o que eu acreditava ser melhor para mim, entretanto, diante das circunstâncias, foi necessário.

Realizei essa pesquisa com o intuito de compreender como o Ensino Remoto Emergencial (ERE) poderia ser utilizado e como este deveria ser enxergado por mim, como professora, refletindo e entendendo os problemas e as novas possibilidades que este proporciona para o ensino e a aprendizagem. Nesse sentido, esse estudo compreendêssimo-me fez compreender que esse tipo de Ensino a Distância necessita de posturas específicas.

Um primeiro aspecto que destaco está voltado para o ensino em situações de emergência e onde não há a opção de se ter o ensino presencial, principalmente no que tange ao ensino básico e o segundo que, na verdade, se propõem ao ensino a adultos com técnicas e especificidades próprias para esse tipo de ensino. A falta de planejamento e preparo profissional para a utilização dos meios tecnológicos dificultou a situação nos mais diversos níveis educacionais.

Mesmo que de uma forma não habitual, a prática do ensino realizada de maneira remota fez com que eu compreendesse a importância de ter essa oportunidade de conhecer e trabalhar com essa outra forma de trabalho e também com o convívio com um grupo de estudantes que buscavam se aprimorar nas matérias cobradas para o Enem, tendo em vista que este exame é de extrema importância para o ensino básico. Assim, ter essa vivência complementou a minha formação.

Esse relato, para além disso, me fez entender o quanto minha cabeça mudou e como consigo perceber as possibilidades de mudança e também de me reinventar enquanto professora, de ser criativa e didática, de ter um contato mais próximo com os alunos e de perceber o quanto isso é importante dentro desta profissão. O principal ponto relativo ao ERE é o de compreender e saber utilizar as estratégias que abrangem as novas tecnologias no ensino de história, explorando filmes, músicas e imagens através das metodologias ativas durante as atividades remotas para produzir e realizar aulas dinâmicas e que provoquem o envolvimento dos alunos com as temáticas apresentadas.

O Pré Enem, nesta perspectiva, se mostrou muito mais do que uma forma de nos proporcionar um estágio, mas um projeto que serviu a toda a comunidade e que deu a oportunidade para os alunos do curso se portarem e serem os professores, livres e sem estarem presos nos processos burocráticos das escolas públicas básicas, além de uni-los em prol de realizar um trabalho que somasse na vida dos alunos, buscando sempre uma forma de dar suas aulas de maneiras mais envolventes e apropriadas para a situação na qual estávamos vivendo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Eliana; POLYDORO, Soely. Desafios da mudança para o Ensino Remoto Emergencial na graduação na Unicamp. **Revista Linha Mestra**, n. 41, 2020. Disponível em: <http://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/392/418>. Acesso em: 30 nov. 2020.

ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.

ARTIERCS, Philippc. Arquivar a Própria Vida. Escrita de Si/Escrita da História. Revista Estudos Históricos, v. 11, n, 21, 1998.
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>

BEHAR, Patricia Alejandra, **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em: 28 nov. 2020.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/10326/10999>. Acesso em: 04 dez. 2020.

BISPO, Luana Maria Cavalcanti; BARROS, Kelly Cristiane. Vídeos do Youtube como Recurso Didático para o Ensino de História. **Revista Atos de Pesquisa em Educação**, v. 11, n. 3, 2016. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/4864/0>. Acesso em: 29 nov. 2020.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Trad.: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. **Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>. Acesso em: 28 nov. 2020.

CARDOSO, C. S. C. *et al.* **Curso de Extensão Pré Enem Ciências Humanas**. 2020

COSTA, Inês Teresa Lyra Gaspar da. **Metodologia do Ensino a Distância**. Salvador: Ed. UFBA, 2016. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/174984/2/-eBook_Metodologia_do_Ensino_a_Distancia-Ci%C3%AAsncias_Contabeis_UFBA.pdf. Acesso em: 02 dez. 2020.

CUNHA, Paulo Arns. A pandemia e os impactos irreversíveis na educação. **Revista Educação**, 2020. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2020/04/15/pandemia-educacao-impactos/>. Acesso em: 29 nov. 2020.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015/29664>. Acesso em: 22 dez. 2020.

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Trad.: M. L. Menezes. São Paulo: Forense Universitária, 2000.

DIAS-TRINDADE, Sara; CORREIA, Joana Duarte; HENRIQUES, Susana. O Ensino Remoto Emergencial na Educação Básica Brasileira e Portuguesa: A Perspectiva Dos Docentes. **Revista Espaços Educacionais**, v. 13, n. 32, 2020. Disponível em: <https://prometeus.revistas.ufs.br/index.php/revtee/article/view/14426/11157>. Acesso em: 30 nov. 2020.

EDUCAÇÃO durante a pandemia passa por processo de adaptação e inovação. *Jornal da USP*, 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/educacao-durante-a-pandemia-destaca-processo-de-adaptacao-e-inovacao/>. Acesso em: 29 nov. 2020.

FENELON, Déa Ribeiro. A formação do profissional de História e a realidade do ensino. **Tempos Históricos**, v. 12, p. 23-35, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12423>. Acesso em: 22 nov. 2020.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Ensino De História E A Incorporação Das Novas Tecnologias Da Informação E Comunicação: Uma Re-Flexão. **Revista de História Regional**, v. 4, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.apps.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2087/1569>. Acesso em: 28 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 42, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

JOYE, Cassandra Ribeiro; MOREIRA, Marília Maia; ROCHA, Sinara Socorro Duarte. Distance Education or Emergency Remote Educational Activity: in search of the missing link of school education in times of COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. 1-29, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4299/3757>. Acesso em: 28 nov. 2020.

LITZ, Valesca Giordano. **O Uso da Imagem no Ensino de História**. Curitiba: UFPR, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-6.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2020.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s141324782009000200006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 22 nov. 2020.

MEDEIROS, Elisabeth Weber. Ensino de História: Fontes e Linguagens para uma Prática Renovada. **Revista Eletrônica Vydia**, v. 25, n. 2, 2005. Disponível em: <https://Periodicos.Ufn.Edu.Br/Index.Php/VIDYA/Article/View/395/369>. Acesso em: 26 dez. 2020.

MOURA, Mary Jones Ferreira de. O Ensino de História e as Novas Tecnologias: da reflexão à ação pedagógica. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2011, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources-/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.0923.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2020.

OLIVEIRA, Esdras Carlos de Lima. Implicações do uso de mídias e de novas tecnologias no ensino de história. **Revista Laboratório de Ensino**, n. 1, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistadolhiste/article/view/48317/33210>. Acesso em: 28 nov. 2020.

OLIVEIRA, Raquel Mignoni de; CORRÊA, Ygor; MORÉS, Andréia. Ensino Remoto Emergencial em Tempos de Covid-19: Formação Docente e Tecnologias Digitais. **Revista Internacional de Formação de Professores**, v. 5, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/view/179>. Acesso em: 30 nov. 2020.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um Apanhado Teórico-Conceitual Sobre A Pesquisa Qualitativa: Tipos, Técnicas E Características. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 3, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/rsp/2005.v39n3/507-514/pt/>. Acesso em: 04 dez. 2020.

RAQUEL, Martha. Quem são as pessoas que não têm acesso à internet no Brasil? **Brasil de Fato**, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/10/quem-sao-as-pessoas-que-nao-tem-acesso-a-internet-no-brasil>. Acesso em: 29 nov. 2020.

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DUARTE, Cláudia dos Santos. Pandemia da Covid-19 e o Ensino Remoto Emergencial: Mudanças na Prática Pedagógica. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v.10, n. 1, p. 41 – 57, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9085/4128>. Acesso em: 28 nov. 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

SANTOS, Taciana da Silva. **Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem**. Olinda, PE, 2019. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/565843/2/CARTILHA%20METODOLOGIAS%20ATIVAS%20DE%20ENSINO-APRENDIZAGEM.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2020.

SILVA, Diego Leonardo Santana. Os Memes Como Suporte Pedagógico no Ensino De História. **Revista Periferia**, v. 11, n. 1, 2019. Disponível em:

<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/36408/28113>. Acesso em: 18 dez. 2020.

SILVA, Marcelo Gomes da. Pra que serve o Ensino de História? Um debate a partir da formação de professores. **Revista Educação básica**, v. 3, n. 9, 2018. Disponível em: <https://rbeducacaobasica.com.br/praque-serve-o-ensino-de-historia-um-debate-a-partir-da-formacao-de-professores/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo; FERREIRA, Lúcia Garcia. Ensino Remoto Emergencial e o Estágio Supervisionado nos Cursos de Licenciatura no Cenário da Pandemia Covid 19. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13, n. 32, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7641432>. Acesso em: 30 nov. 2020.

UFCG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. Resoluções. 2020. Disponível em: <http://www.sods.ufcg.edu.br/index.php/camara-ensino/resolucoes>. Acesso em: 28 nov. 2020.

VALENTE, Geilsa *et al.* O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia: Reflexões sobre a prática docente. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, 2020. Disponível em: <https://www.rsjournal.org/index.php/rsd/article/view/8153/7109>. Acesso em: 30 nov. 2020.